

Afeganistão se converte na guerra de Obama

EUA anunciam envio de mais 17 mil soldados para o país, que se consolida como um santuário do terror islâmico e um atoleiro político e militar

Adriana Carranca
ENVIADA ESPECIAL
CABUL

Aos pés da Cordilheira de Hindu Kush, norte de Cabul, 38 cavaleiros disputam como hábraros a carcaça de uma cabra sem cabeça, em uma partida de buzkashi - esporte nacional praticado desde os tempos de Gengis Khan. O sangue escorre, tingindo a terra, enquanto os homens tentam derrubar os adversários e dominar o bicho morto. É um jogo bélico. Numa metáfora da guerra, os afegãos dizem que o animal inerte é o próprio Afeganistão, dilacerado por contínuos conflitos.

Paquistão, a quem é atribuído o mérito de virar o jogo no Iraque, alertou o presidente que Afeganistão será sua "mais longa campanha na longa guerra contra o extremismo islâmico".

REFORÇO DE SOLDADOS
Obama autoriza ontem o envio de mais 17 mil soldados. O objetivo é mandar um total de 30 mil, dobrando seu efetivo - medida vista como paliativo até o desenho de uma nova estratégia para o país. "Quem pergunta por que ainda não vencemos desconhece que o país tem 650 quilômetros quadrados de montanhas. Militarmente, é impossível dominar todo o território. Existem áreas a 50 km de Cabul onde ainda não estvemos", desabafou, em entrevista ao Estado, o porta-voz da ISAF (as forças de coalizão subordinadas à Otan), general Richard

Blanchette. Com o reforço, as tropas estrangeiras teriam pouco mais de 90 mil homens. "No Iraque, com território 50% menor do que o Afeganistão e cinco vezes mais rodovias pavimentadas, EUA e aliados chegaram a ter mais de 130 mil. É claro que precisamos de mais soldados", disse o porta-voz do Ministério da Defesa afegão, general Zahir Azimi.



As forças afegãs contam com 85 mil oficiais mal pagos, corruptíveis e despreparados - o contingente deve aumentar em cinco anos para 134 mil, mas seu treinamento leva mais tempo do que no Iraque simplesmente porque os soldados, assim como três quartos dos afegãos, são analfabetos.

No ano passado, os EUA conduziram 3.572 ataques aéreos. Em 2004 foram 86. A ofensiva foi responsável por dois terços dos 2.118 civis mortos em 2008, entre os quais mulheres e crianças - 40% a mais do que em 2007 - segundo as Nações Unidas. "Cada civil morto pelas forças de coalizão nos rende um tréno

mas homens durante o ano no Afeganistão do que no Iraque. "A mudança de foco dos EUA do Iraque para o Afeganistão veio tarde demais", disse o ex-funcionário do Ministério das Relações Exteriores do Taleban Wahhed Muzhda, hoje analista e escritor. "Os taleban não têm mais uma agenda de integração nacional. Eles ade-

riram a um movimento pan-islâmico e agora querem que os americanos saiam não apenas do Afeganistão, mas do Iraque e da Arábia Saudita."

Obama terá de persuadir o Paquistão a deixar de ser o paraíso de terroristas e assegurar estabilidade regional com a Índia. E lidar, ainda, com a China, que se tornou a maior investidora no Afeganistão, a Arábia Saudita, de onde fluem petrodólares para os terroristas, e o Irã.

Como num buzkashi, o sucesso depende de um difícil balanço entre o uso da força e a capacidade de engajar e compreender os movimentos dos diferentes jogadores em meio ao caos. Um jogo complicado, mas que Obama não pode se dar ao luxo de perder. "Na visão dos extremistas, o mundo islâmico não estará seguro enquanto os americanos não forem derrotados. E o melhor lugar para se conseguir isso hoje é o Afeganistão", diz Muzhda. "Se vencer aqui, a Al-Qaeda terá vencido no mundo."



CAPITAL - Afegãos passeiam no centro velho de Cabul, sede do desacreditado governo Karzai

Entrevista

Zabiullah Mujahid: porta-voz taleban

'Que os EUA preparem os caixões para seus soldados'

Militante adverte
Ocidente que grupo radical islâmico está pronto para enfrentar aumento de tropas

meros oficiais são bem menores. Com medo de ser localizada, o próprio Mujahid telefonou à reportagem do Estado três vezes para responder à entrevista, cada vez de um número diferente - sem permitir que a ligação durasse mais que cinco minutos. A seguir, trechos da entrevista feita com a ajuda do tradutor e jornalista afgão Farhad Poikar.

Quem são os taleban hoje?
Somos os mesmos e mantemos a mesma estrutura de antes. Nosso querido mulá Omar continua sendo o líder supremo, mulá Brodar continua entre nossos irmãos, mas não posso lhe dar os nomes de outros líderes. Todas as decisões são tomadas por esse conselho de comandantes. E temos governadores em distritos e províncias. Temos o apoio de toda a nação muçulmana afegã.

Que o Taleban quer dessa guerra?
O principal objetivo de nossa jihad (guerra santa) é libertar o Afeganistão das mãos dos infieis e aplicar a sharia (a rigorosa lei islâmica) em nosso país.

Quem são os infieis?
Quem são os infieis? Ora, os americanos e seus escravos afegãos.

Quem financia o Taleban e a insurgência?
O Taleban não precisa de suporte financeiro e temos armas suficientes dos tempos da jihad contra os russos e do nosso governo. Além disso, nossos soldados não lutam por um salário, mas por Deus e o Islã, e são alimentados pelo povo afegão, que os acomoda em suas casas.

7 8 9 10 11 12



...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

Talebãns impõe seu 'Emirado Islâmico afegão'

Grupo radical domina 72% do território, onde atua como governo, faz patrulhas e julga segundo a sharia

Adilana Carreira **BRASÍLIA** Desde o início de 2009, o Afeganistão vive sob o domínio de um grupo radical islâmico que impõe a sharia em 72% do território. O grupo, conhecido como Talebãns, atua como governo, faz patrulhas e julga segundo a sharia. O Talebãns controla a maior parte do país, exceto as áreas sob controle das forças armadas do Afeganistão. O grupo foi formado em 1994 e ganhou força durante a guerra civil afegã. Desde 2001, o país é ocupado por tropas americanas e suas forças locais. No entanto, o Talebãns continua a lutar contra a presença estrangeira e busca a implementação da sharia em todo o país.



...Militares talibãns posam para uma foto de ocasião... decorada com o logotipo do grupo...



...Militares talibãns posam para uma foto de ocasião... decorada com o logotipo do grupo...



...Militares talibãns posam para uma foto de ocasião... decorada com o logotipo do grupo...

Com cultivo 5 vezes maior do que em 2002, ópio garante 30% do PIB

Agricultores alteram produção de papoula com o fim da PIM

O cultivo de ópio no Afeganistão cresceu 5 vezes desde 2002, garantindo 30% do PIB do país. A produção de papoula para a fabricação de heroína aumentou significativamente devido ao fim da Proibição Internacional de Maconha (PIM). Os agricultores começaram a plantar papoula em grande escala após a queda do Talebãns em 2001. A produção de ópio tornou-se a principal fonte de renda para muitos afegãos, especialmente em áreas rurais. No entanto, a produção de ópio também trouxe desafios, incluindo o tráfico de drogas e o financiamento de grupos radicais.



...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

População crescente, civis rejeitam Talebãns e governo

Em meio a fogo cruzado, civis rejeitam Talebãns e governo

Em meio a um conflito armado entre o Talebãns e o governo afegão, a população civil está sendo afetada. Os Talebãns impõem a sharia e controlam a maior parte do território, enquanto o governo luta para restaurar a ordem. Os civis rejeitam tanto o Talebãns quanto o governo devido à violência e à instabilidade. Muitos civis buscam refúgio em áreas sob controle das forças armadas ou em países vizinhos. A situação humanitária é preocupante, com falta de alimentos e serviços básicos em muitas áreas.

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

Plano de 5 anos para o Afeganistão

Plano de 5 anos para o Afeganistão

O plano de 5 anos para o Afeganistão foi anunciado pelo governo. O plano visa promover o crescimento econômico, melhorar a infraestrutura e fortalecer as instituições. O plano também prevê a implementação da sharia em áreas sob controle do Talebãns. O plano é considerado um desafio devido à instabilidade política e à presença de grupos radicais.

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

Ataque a um centro de refugiados

Ataque a um centro de refugiados

Um ataque a um centro de refugiados ocorreu em uma cidade do Afeganistão. O ataque resultou na morte de várias pessoas e ferimentos de outros. O grupo responsável pelo ataque não foi identificado. O ataque ocorreu em uma área sob controle do Talebãns. O incidente gerou preocupação internacional devido ao status dos refugiados.

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

Ataque a um centro de refugiados

Ataque a um centro de refugiados

Um ataque a um centro de refugiados ocorreu em uma cidade do Afeganistão. O ataque resultou na morte de várias pessoas e ferimentos de outros. O grupo responsável pelo ataque não foi identificado. O ataque ocorreu em uma área sob controle do Talebãns. O incidente gerou preocupação internacional devido ao status dos refugiados.

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...

...Orcamento... de cerca de 100 mil reais... para o ano de 2009...



COBERTAS - Em Cabul, meninas têm aula em tenda

ADRIANA CARRANCA/VE

Adriana Carranca ENVIADA ESPECIAL CABUL

O Bazar Mandavi, maior centro comercial de Cabul, tem uma ala para fabricantes de burcas - uma centena delas. Penduradas lado a lado, no mesmo tom de azul, parecem todas iguais. Shahpoor Zaheri, de 41 anos, mostra diferenças no bordado e no tecido. Ele vende 42 burcas por dia. No outono ano sem o Taleban, a maioria das afegãs ainda se esconde sob o manto, símbolo da opressão feminina. Num Afeganistão rural e governado por códigos de conduta tribais, é a tradição e não a religião que faz do país o pior do mundo para se nascer mulher. Embora já possam trabalhar, sair sem burca ou um mahram (homem da família), regressos das taleban, a supremacia masculina permanece limitável na sociedade afegã. O pai é chefe de família e, na ausência dele, o filho mais velho, mesmo criança. As mulheres da casa têm de obedecê-lo e é ele quem fica com a herança. As mulheres não podem ter propriedades em seu nome. Os meninos devem cuidar dos parentes até o fim da vida e, portanto, representam um investimento de longo prazo, enquanto as mulheres são gastos. Os pais leilão meninas e as entregam a quem der o lance mais alto - entre US\$ 2 mil até US\$ 15 mil. Elas são commodities trocadas em disputas tribais num ritual chamado "buti". Esses são costumes das tribos pashtun, etnia predominante no Afeganistão. O peshtun, código de honra, não está escrito, mas é repetido e reiterado desde o período pré-islâmico. O clérigo Ahmad Mahavi, do Conselho Ulema, diz que os tribais acreditam que as tradições

Mulheres vivem à sombra das tradições tribais

Sete anos após a invasão dos EUA, supremacia dos homens continua intocada e papel feminino é marginal



TRADIÇÃO - Afegã prova burca em loja; diferenças, só no tecido

são islâmicas. "Elas olham para a modernidade como algo contra a religião, mas isso é uma interpretação fraca do Islã". Shukria Barakzai é um exemplo entre avanço e tradição. Deputada, ativista e editora da revista feminina Aina-E-Zan, ela vive em casa um casamento arranjado. O marido tem uma segunda esposa porque, depois de gerar três meninas, ela "foi incapaz de lhe dar um filho homem"

e se recusou a engravidar de novo. Perdera gêmeos prematuros na guerra civil (1992-1996) porque o hospital não tinha eletricidade para a incubadora. Uma afegã morre a cada 27 minutos por problemas relacionados à gravidez. Em 100 mil partos, 1,8 mil mulheres não vivem para ver seus bebês, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). É a segunda maior taxa de mortalidade de maternidade no mundo, atrás de Serra Leoa. As afegãs casam-se jovens demais, aos 14 anos, e seu corpo não está preparado para a gravidez. Se chegam ao parto, 135 em cada mil perdem o bebê - 75% delas por falta de cuidados básicos. Os partos (81%) são feitos em casa. Cada afegã tem sete gestações e perde dois filhos, em média. Muitos bebês têm anomalias porque as mães são desnutridas, se medicam e se casam com parentes. "Embora a situação seja agravada pela falta de médicos nas áreas rurais e dificuldade de acesso, a tradição é ainda o pior inimigo das afegãs", diz o médi-

co pashtun Arif Orykhalil, formado pela Universidade de Cabul, com PhD na Itália. Arif deixou o Afeganistão em 1983 e, ao voltar, em 2006, a mortalidade materna e infantil recuara pouco ou nada, embora o país vivesse uma democracia e tivesse mais recursos. "Nada mudou para as mulheres", diz. MORTES MATERNAS No Esteklal, maior hospital público de Cabul, a maioria dos 45 partos diários ocorre à noite. Por que? "Porque as afegãs não sabem sem um homem da família. Elas esperam que cheguem do trabalho para trazê-las à maternidade", diz. "Aí já é tarde." Entre as mortes maternas, 38% são por hemorragia e 26% por obstrução do útero e infecções. Sharifa, de 20 anos, perdeu tanto sangue que desmaiou antes que duas vizinhas decidissem levá-la ao hospital. A médica Nader Akbarly tratou Sharifa sem autorização e doou o próprio sangue para a paciente, que sobreviveu, embora tenha perdido o bebê. "Esses homens

CANDIDATAS EM RISCO



... Fawzia Koofi, Massuda e Shukria (de cima para baixo, nas fotos) são pré-candidatas à eleição presidencial de 20 de agosto. Elas já sofreram atentados e têm guarda-costas. Embora tenham conquistado um lugar na política, com 25% do Parlamento garantido pela Constituição, elas têm um longo caminho. Entre os 57 ministros de Karzai, há uma mulher - a ministra de Relações com as Mulheres. Elas são 9% dos servidores públicos, embora a lei assegure 30%. O Judiciário ainda é reduzido dos homens. E 80% dos assuntos referentes às mulheres são decididos em shuras locais - tribunais conduzidos por mulas.

preferem enterrar a mulher a trazê-la ao hospital", diz Nader. O primeiro centro para mulheres queimadas de Cabul fica no Esteklal. De 522 pacientes atendidas em 2008, 30% haviam tentado suicídio por autoimolação, outra tradição perversa. Lailoma, de 16 anos, casada há três, chegou com 60% do corpo queimado. "Elas só querem morrer. Um dia, jogam diesel no corpo e acendem um fósforo. Só consigo salvar 3%", diz Arif. A médica Massuda Jalal, acredita que o Alcorão pode ajudar a vencer o tradicionalismo, "pois permite que homens e mulheres estudem". Ainda assim, 86% das afegãs são analfabetas. Entre os 237 alunos da escola pública Seward Hayte Mawand, no centro, só 54 são meninas. A escola feminina Gozargah tem 4.280 alunas, mas espaço para 10% delas. As demais estudam em tendas no pólio. Para a diretora Malibeha Khajia Zada, de 30 anos, é um avanço. No regime Taleban, ela educou 180 meninas na sala de casa. "Três ou quatro vezes, eles vieram armados. Mas nós escondíamos os livros sob a mesa e colocávamos o Alcorão". Apesar de ser filha de um religioso, Fatima Gulnari, presidente da Sociedade Crescente Vermelho, é divorciada e casada pela segunda vez com um ministro. Ela fez parte da Loja Jirga, assembleia de líderes tribais consultada para a nova Constituição. "Eu dizia: vocês têm de escolher entre o Alcorão e a tradição, não podem ter ambos. Minha mãe era moderna e usava a burca porque é tradição. Mas, não deve ser obrigação". Shalpoor Zuberi, o vendedor de burcas, diz que na era Taleban vendia 30% mais. Ainda assim, quer os radicais longe. Desde que suas duas mulheres, de 27 e 31 anos, com quem tem 15 filhos, continuam sob a burca. ●

Artigo

Os cenários da guerra que Obama travará no Afeganistão

Peter Bergen Katherine Tiedemann THE WASHINGTON POST

A guerra no Iraque pertencia a George W. Bush, mas o conflito que agora engloba Paquistão e Afeganistão vai provavelmente se tornar a guerra de Barack Obama. Será que os soldados que ele enviará ao Afeganistão serão tragados para dentro do "cemitério dos impérios", como aconteceu com os britânicos e soviéticos que os antecederam? Ou será que a guerra de Obama pode, afinal, trazer paz e estabilidade à região? Eis aqui algumas das tendências mais importantes para a determinação da resposta.

ECONOMIA DE FORÇAS Desde a queda do Taleban, o Afeganistão foi tratado como uma operação de "economia de forças" (nas palavras do almirante Michael Mullen, presidente do Estado-Maior Conjunto). Recebemos em troca aquilo pelo que pagamos: a insegurança aumentou conforme o número de soldados continuou insuficiente. Mas, atualmente, a quantidade de soldados americanos e da Otan é a maior jamais registrada no Afeganistão.

AUMENTO DA VIOLÊNCIA Enquanto isso, tanto a polícia quanto o Exército afegãos estão crescendo, após um início extremamente lento. Ainda assim, o país está menos seguro, conforme indica o aumento no número de ataques suicidas realizados pelo Taleban e pela Qaeda. A violência jihadista também aumentou muito no Pa-

quistão, onde os atentados suicidas apresentaram um verdadeiro surto nos últimos dois anos. Muitos americanos menosprezaram os esforços paquistaneses, mas vale destacar que 1.347 soldados paquistaneses morreram combatendo o grupo entre 2001 e 2008. E cerca de 100 mil soldados paquistaneses vivem a fronteira com o Afeganistão.

REDUÇÃO DE APOIO O apoio dos afegãos aos esforços americanos em seu país está diminuindo, mas a desilusão com os EUA não significa uma afiação pelo Taleban. Uma recente pesquisa indicou que apenas 7% dos afegãos apoiam os combatentes islâmicos. O Paquistão continua sendo um dos países mais antiamericanos do mundo: a aprovação dos EUA entre os paquistaneses é de 15%, enquanto Osama

bin Laden se mostra um pouco mais popular.

AUXÍLIO O auxílio americano para a reconstrução do Afeganistão e ajuda humanitária atingiu uma média de US\$ 11 bilhões anuais desde 2001, mas os gastos do Exército americano na região são 20 vezes maiores. Desde os ataques de 11 de setembro de 2001, Washington deu ao Paquistão cerca de US\$ 11 bilhões em auxílio militar.

ATAQUES AÉREOS No início de 2008, os EUA se

cansaram da relutância ou incapacidade do Paquistão em combater os jihadistas na região tri-ângulo Afeganistão-Paquistão-Índia. Assim, foram realizados os bombardeios aéreos contra a região. Vários destes ataques mataram líderes da Al-Qaeda, mas também provocaram a indignação dos paquistaneses por causa das elevadas mortes de civis. Parece provável que esses ataques prossigam, embora Obama já autorizou pelo menos dois bombardeios aéreos.

ÓPIO O cultivo da papoula é o eixo central da economia afegã. O comércio de drogas emprega cerca de 2 milhões de pessoas e é responsável por cerca de um terço do PIB do país, mas também ajuda a financiar o Taleban e abastece a difusa máfua da corrupção afegã. O grupo de observadores Transparen-

cia Internacional considera o Afeganistão um dos países mais corruptos do mundo.

ETNIA A maioria dos combates no Afeganistão ocorreu nas áreas dominadas pelo grupo étnico pashtun. Com uma população de cerca de 40 milhões, trata-se de um dos maiores grupos étnicos sem país próprio de todo o mundo. Cada vez mais os pashtuns enxergam o Taleban como o grupo que melhor defende seus direitos. Há quase o dobro de pashtuns no Paquistão do que no Afeganistão - outro motivo pelo qual Obama terá de lidar com ambos os lados da fronteira para ganhar esta guerra.

Bergen, autor de "O Osama bin Laden que conheço", é bolsista da Fundação Nova América. Tiedemann é associada da Fundação Nova América.